



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

TÉCNICAS UTILIZADAS NA TAXIDERMIA DE VERTEBRADOS¹

Lílian Corrêa Costa Beber².

¹ Trabalho de conclusão do componente curricular Laboratório de Zoologia I.

² Aluna do Curso de Graduação em Ciências Biológicas da UNIJUÍ, voluntária PET/Ciências Biológicas, liliantutty@hotmail.com.

Introdução

Taxidermia é a arte de montar ou reproduzir animais para exibição ou estudo. Em geral, ela é realizada em mamíferos e aves. É uma técnica que visa à conservação de animais mortos, através do descarte de suas vísceras, carnes e esqueletos e da utilização da pele (PRYBYSZ & CUNHA, 2011).

Apenas a pele original é utilizada, e através dela e das medidas conseguidas anteriormente é possível preservar a forma e tamanho do animal. Essa técnica tem tido especial importância no auxílio à identificação de diferentes espécies, raças e variedades de famílias existentes (DALL'OLIO, 2002). Muitas vezes esses exemplares podem ser usados em um meio que represente o seu bioma original.

Popularmente, o termo empalhar é usado como sinônimo para taxidermizar. Porém, esse uso é incorreto, pois a técnica que empregava o uso de moldes de palha e barro há muito não é mais utilizada.

A taxidermia visa, desse modo, a preservação da pele, planos e tamanho dos animais (HIDASI FILHO, J., 1976). Nesse caso, foram montados animais de vários tamanhos tendo em vista a sua conservação, o desenvolvimento da nossa habilidade diante das técnicas e a formação de novos exemplares para exposições. Essa atividade também permite a conscientização dos alunos no que se refere à preservação e estudo da fauna silvestre (PRZYBYZ & CUNHA, 2011).

Metodologia

Aves, ratos, gambás e veados foram taxidermizados nas dependências do Laboratório de Zoologia da UNIJUÍ, no Campus de Ijuí, Rio Grande do Sul. Além dos animais foram utilizados pinças e tesouras de diferentes comprimentos e pontas, tesouras quebra ossos, serrilhas, bisturis, arames de várias espessuras, alicates, agulhas, algodão, fibra, jornal, bandejas de plástico, béquer para preparo de solução de formol, formol, álcool 70%, paquímetro, seringas para injeção de formol, panos de saco de estopa, régua, luvas, farinha de milho, bórax e secador de cabelo.



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

Vale lembrar que tanto o formol 10% quanto o bórax são usados para conservação e são tóxicos. Pessoas com alta exposição ao formol podem apresentar fortes dores de cabeça, tosse, falta de ar, irritação nos olhos e vias respiratórias e conjuntivite. Aqueles que acidentalmente ingerem o produto sentem imediata dor nas vias digestivas, vômito, desmaios, diarreia, convulsões, podem apresentar necrose em alguns locais. Ambos os casos podem resultar em falecimento. O formol é altamente cancerígeno (INCA, 2013).

O bórax decahidratado é um pó branco inodoro, não é inflamável, nem combustível e explosivo. Os sintomas de intoxicações consistem em vômito e diarreia seguidos de rompimento de pele, choque e, em casos mais graves, coma e até morte (PORTANTIOLO, 2011).

Todos os animais foram taxidermizados da mesma forma, com exceção das aves que, devido à fragilidade da pele, exigiram comportamentos diferentes. Para a aula que o gambá foi taxidermizado estava previsto o uso de espuma de poliuretano. Porém, não foi possível devido à umidade excessiva do ar que estava prejudicando e atrasando demasiadamente a secagem do gesso.

Enfim, o primeiro animal taxidermizado foi o rato, usado para a compreensão do desenvolvimento da técnica. Na outra aula foi o gambá, na outra as aves e na última o veado.

A primeira etapa realizada foi a retirada de pele do animal e a separação da sua carcaça interna através de uma incisão no seu ventre próximo aos órgãos reprodutores. Com os dedos introduzidos entre a pele e os músculos a carcaça foi lentamente se desgrudando, sendo necessário às vezes o auxílio do bisturi para acelerar o processo.

Alguns ossos foram cortados, alguns aproveitados e para isso tiveram que ser devidamente descarnados, como é o caso do crânio, rabo do gambá e patas. Em alguns casos, esse procedimento foi precedido da lavagem do animal, devido ao estado em que se encontrava o cadáver.

Em seguida, a pele foi lavada com água e detergente, os olhos, cérebro e língua foram retirados. Após, houve a secagem dela por meio de secadores de cabelo. A farinha de milho foi friccionada sobre a pele do lado avesso a fim de soltar a gordura e absorver os líquidos ainda existentes. Nesse momento, pinças e bisturis foram utilizados. Depois foi usado bórax para conservação do material.

A segunda etapa foi marcada pela produção de moldes de arames com diferentes espessuras. Um pedaço de arame mais grosso foi firmado no crânio e se estendeu desde lá até a ponta do rabo dos animais, formando a “coluna”. Pedacos de arame mais fino foram utilizados para firmar as patas na “coluna”. No gambá e no veado foi necessário a realização de uma cintura e ombros de arame grosso.



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

A terceira etapa foi caracterizada pelo preenchimento da pele com fibra, moldagem da posição e costura do animal. Também nesse momento foi injetado formol na cabeça, nas patas e no rabo (somente do Gambá, que não pode ser retirado).

No caso das aves foi adotado um comportamento diferente. O alma-de-gato e o chupim permaneceram com os seus esqueletos e cérebro, devido à fragilidade da pele que se rasgaria totalmente se o contrário fosse feito. O beija-flor foi exceção.

Os miúdos foram retirados aos poucos com o auxílio de uma pinça através de um pequeno corte na pele. A pele também não foi lavada devido ao fato de que as penas cairiam ou seriam danificadas. Os olhos e a língua foram tirados da mesma forma, a farinha de milho e o bórax também foram utilizados do mesmo modo.

Foi feito um molde de arame que se estendeu até fora do animal, para que se tornasse possível firmar o pássaro em algum local que se assemelhasse ao seu meio de origem. Todos foram preenchidos com fibra e costurados. O formol foi injetado em todas as partes do animal, exceto do beija-flor, pois o esqueleto não foi removido tampouco a pequena porção de carne fixa a ele.

Resultados e discussão

Aves, ratos, gambás e veados foram taxidermizados. Todos, com exceção das aves, obedeceram ao mesmo procedimento.

O rato foi o primeiro animal taxidermizado, destinado ao nosso conhecimento da técnica. Os demais animais foram taxidermizados visando o nosso treino e o desenvolvimento de espécimes para exposições.

Como era de se esperar, o rato foi um animal difícil de taxidermizar devido a nossa ignorância no assunto até aquele momento. Os que se seguiram foram de fácil manipulação, inclusive o veado, apesar de sua estatura. As aves foram as mais complicadas, devido à fragilidade da pele e a presença de penas que caíam ao menor toque.

Para a aula que o gambá foi taxidermizado estava previsto o uso da técnica envolvendo ataduras gessadas e espuma de poliuretano. Porém, não foi possível devido a umidade excessiva do ar que estava prejudicando e atrasando demasiadamente a secagem do gesso.

Conclusões

Conclui-se com esse trabalho a importância do desenvolvimento de espécimes taxidermizados para conservação de animais mortos e para estudo e classificação da fauna existente. Também compreende-se agora todos os processos pelo qual os cadáveres devem passar e como devem passar até que sua pele seja tratada e preenchida para a coleção.





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

Além disso, através da pesquisa sobre a técnica de poliuretano, é possível afirmar que é muito mais prática, porém envolve tempo e existência de uma carcaça no animal, o que nem sempre ocorreu. A formação de um molde de gesso permite a reprodução perfeita da forma e estrutura originais.

Palavras-Chave: Conservação; identificação; estudo; prática; técnicas.

Referências Bibliográficas

INCA- Instituto Nacional do Câncer. Formol ou formaldeído. Disponível em: http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?ID=795. Acesso em: 09 de abril de 2013.
PRYBYSZ, C. H.; CUNHA, W. L. (2011). Técnica de modelagem em resina de poliuretano na taxidermia de vertebrados., Iniciação científica CESUMAR, v. 13. Disponível em: http://www.fap.com.br/fapciencia/009/edicao_2012/014.pdf. Acesso em: 17 de junho de 2013.

